

OPERAÇÃO CANDANGO

Ronan Batista, ex-presidente do ICS suspeito de irregularidades, chegou a Brazlândia em um carro popular como funcionário do BRB. Hoje usa bimotor, tem empresas, chácara e fazenda

Do Chevette ao Cheyenne

EDUARDO MILTÃO

DO CORREIOWEB

FERNANDA ODILLA E
AMAURY RIBEIRO JR.

DA EQUIPE DO CORREIO

Basta um telefonema para o ex-presidente do Instituto Candango de Solidariedade (ICS) Ronan Batista de Souza cruzar os ares a bordo de um avião avaliado US\$ 700 mil. As viagens de Ronan na aeronave de seis lugares Piper Cheyenne II, prefixo PT-OPC, nada lembram os passeios em Chevette velho que usava quando chegou a Brazlândia, ainda como funcionário do BRB. Desde então, o patrimônio de Ronan cresceu a ponto de impressionar os moradores de Brazlândia, cidade que administrou entre 1991 e 1994 e que, hoje, está dividida. Depois da prisão na última quarta-feira, durante a Operação Candango, do ex-presidente do ICS, suspeito de desvio e lavagem de dinheiro, há quem jure a inocência do popular morador e quem questione a origem de todos os bens que Ronan conseguiu acumular ao longo dos anos.

Para tomar assento em um dos seis lugares da aeronave azul e branca que por vezes fica no aeroclube de Luziânia, basta Ronan telefonar para o piloto ou diretamente para o empresário Eduardo de Oliveira Villela, dono da construtora Villela e Carvalho Ltda., proprietária oficial do avião. Ronan tem o direito de voar quando quiser. Este ano, viajou pelo menos duas vezes. Foi a uma praia e ao interior de São Paulo. É Eduardo Villela quem diz que Ronan só tem que abastecer a aeronave e escolher o destino. "Não é algo frequente", pondera Villela, explicando que já teve um táxi aéreo e que Ronan era cliente dos serviços.

Há duas semanas, Ronan acionou o "disque-Cheyenne". Saiu de Brasília e foi a Araçatuba, cidade conhecida como a capital do Boi Gordo, no Noroeste de São Paulo. Não faltou música ao violão para animar o percurso. Ele pousou no aeroporto da cidade, almoçou e saiu com os colegas que o acompanhavam. No mesmo dia, retornou a Brasília.

Registros da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) atestam que a construtora em nome de Eduardo e Cresio Villela é a única dona do Cheyenne II. Mas os amigos de Ronan em Brazlândia acreditam que o ex-presidente do ICS é um dos proprietários da aeronave. Pilotos e empresários que conhecem Villela e o ex-presidente do ICS

Iano Andrade/CB



AVIÃO DE SEIS LUGARES UTILIZADO PARA PASSEIOS É AVALIADO EM US\$ 700 MIL. PROPRIEDADE DA AERONAVE NÃO ESTÁ ESCLARECIDA

disseram ao *Correio* que ambos são sócios informais no bimotor — um turbo-hélice norte-americano, fabricado pela Piper até meados dos anos 80. Haveria até um terceiro empresário na parceria aérea. Procurado, Ronan não retornou os recados deixados com familiares.

Muitos negócios

Ronan saiu do BRB por um programa de demissão voluntária no final da década de 1980. Amigos revelam que, ao assumir a administração de Brazlândia, ele passou a comprar e vender carretas. Depois, montou uma construtora, a R3, em sociedade com o próprio filho. Investiu junto com o sócio George Obeid numa beneficiadora de grãos, em Brazlândia, que faliu.

Ele continuou diversificando os ramos de atuação e abriu uma empresa de comércio e distribuição de bebidas. Passou também a ocupar importantes cargos dentro do GDF. Primeiro, foi nomeado administrador de Brazlândia, no primeiro governo de Joaquim Roriz. Depois, foi secretário do GDF e presidiu o ICS.

A quantidade de negócios, atualmente concentrados no Rio de Janeiro, é tão grande quanto o número de imóveis e benfeitorias que Ronan foi acrescentando ao próprio patrimônio. Hoje, ele é dono, além de empresas, de uma chácara em Brazlândia, uma fazenda em Padre Bernardo (GO) e de uma confortável casa no Lago Sul.

Desvio em esquema familiar

Ao seguir o caminho dos R\$ 26 milhões repassados pelo Governo do Distrito Federal ao Instituto Candango de Solidariedade (ICS) e suspeitos de terem sido desviados para os bolsos de dirigentes da entidade, a força-tarefa que há três anos investiga o caso esbarrou numa trama familiar. O cruzamento de dados das quebras de sigilo fiscal e bancário de dirigentes do instituto sinaliza que negócios do ICS eram praticamente todos feitos em família, com cifras milionárias.

O ex-presidente do ICS Ronan Batista de Souza foi preso junto com o cunhado Robson Neves, a sobrinha da mulher dele, Ítala Batista, e dois primos de terceiro grau, Cássio e Ronan. Outro primo, Márcio Roberto, só escapou por não estar em casa na hora da operação da PF e acabou beneficiado pelo habeas corpus que garantiu a liberdade a todos os suspeitos. O amigo Antônio Veloso Dourado e um ex-sócio de Ronan, George Obeid, também foram parar na carceragem durante a Operação Candango, deflagrada na semana passada. Todos eles receberam por meio de empresas dinheiro do ICS.

O atual dirigente da entidade, Lázaro Severo Rocha, compartilhou a prisão com o sócio Elson

José de Almeida. Eles são donos da Comercial Almeida Ltda, que recebeu R\$ 7,6 milhões do ICS.

Robson Fiel Neves, cunhado de Ronan, confirma que ganhou R\$ 3,6 milhões do ICS para defender o instituto na Justiça. Robson é um dos donos do escritório Neves Barbosa Advocacia e Consultoria. "Ganhei porque trabalhei. Não dei nada ao meu cunhado", disse ao *Correio*, uma semana antes da Operação Candango. O advogado trabalhava no departamento jurídico do ICS e admite que saiu para ganhar mais dinheiro. No mesmo dia da demissão de Robson, o escritório dele e da irmã Duricene Maria passou a prestar serviços jurídicos para a entidade. Nas contas dos responsáveis pela investigação das irregularidades no ICS, o escritório embolsou um total de R\$ 4,9 milhões.

Publicidade

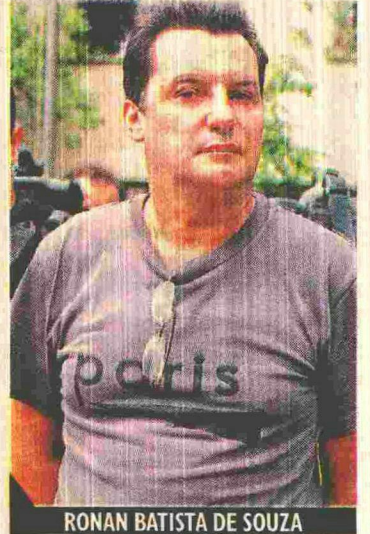
Para gastar com publicidade, o ICS também recebeu dinheiro do GDF. Não apenas o instituto, como também os parentes de Robson que trabalhavam na agência de publicidade KLY. Num único contrato, a KLY, dirigida por Ítala Patrícia e Maria Soledade Santos, respectivamente sobrinha e cunhada de Ronan, recebeu mais de R\$ 1,8

milhão para promover a imagem do GDF. O montante repassado à agência, segundo a força-tarefa, chega a R\$ 4,4 milhões.

A cifra paga à empresa Gerencial Apoio Consultoria, dos primos de terceiro grau de Ronan, também foi milionária. Márcio Roberto Caetano de Almeida e Cássio William de Almeida assinaram contrato para ganhar do ICS R\$ 2 milhões, que acabaram não sendo pagos na totalidade. Por três anos e meio de trabalhos contínuos ao ICS, Márcio revelou ter recebido R\$ 1,6 milhão. Mas a empresa Caetano Almeida Engenharia, dos irmãos William, Márcio e Ronan, levou R\$ 2,27 milhões.

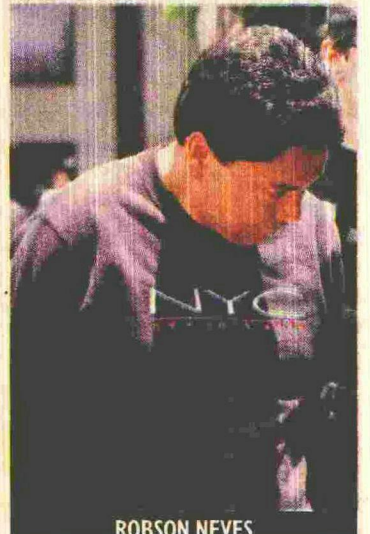
Essa não é primeira vez que a família de Ronan Batista de Souza se vê envolvida em escândalos, prisões e flagrantes. Em agosto de 2002, a Polícia Federal flagrou em Brazlândia um Fiat Pálio que transportava duas imitações de urnas eletrônicas. Ao volante estava Dirleone Fiel dos Santos de Souza, mais conhecida como Leninha. Ela é mulher de Ronan, que na época do escândalo das urnas coordenava a campanha de Joaquim Roriz em Brazlândia e ocupava o cargo de secretário de Coordenação das Administrações Regionais. (FO)

Marcelo Ferreira/CB



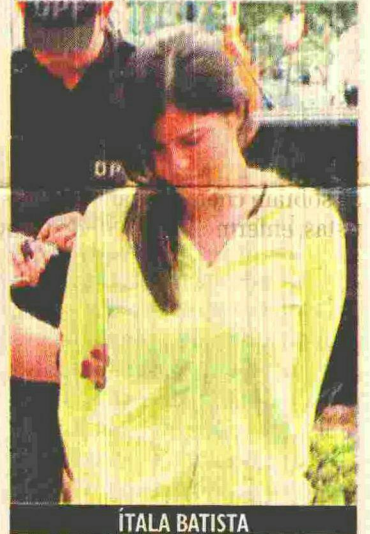
RONAN BATISTA DE SOUZA

Marcelo Ferreira/CB



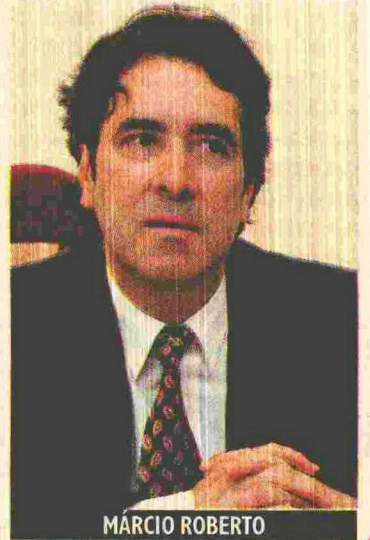
ROBSON NEVES

Marcelo Ferreira/CB



ÍTALA BATISTA

Marcelo Ferreira/CB



MÁRCIO ROBERTO